

# Uma revisão metodológica e estatística do modelo teórico da orientação cultural e as condutas desviantes: proposta de um modelo parcimonioso

A review of the methodology and statistical model theoretical orientation of cultural and deviant conduct: proposal of a parsimonious model

Una revisión metodológica y estadística del modelo teórico de la orientación cultural y las conductas desviantes: propuesta de un modelo parsimonioso

Nilton S. Formiga<sup>1</sup>, Marseilly Carvalho Oliveira Rocha<sup>2</sup>, Amanda De Souza Santos Pinto<sup>3</sup>, Daniela Aparecida Dos Reis<sup>3</sup>, Sônia Maria da Silva Costa<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Faculdade Mauricio De Nassau- João Pessoa, PB. <sup>2,3</sup> Centro Universitário Do Cerrado – UNICERP, Patrocínio, MG, Brasil.

Forma de citar: Formiga, N.S., Rocha, M.C. O., Santos Pinto, A. de S., Dos Reis, D.A. & Da Silva Costa, S.M. (2013). Uma revisão metodológica e estatística do modelo teórico da orientação cultural e as condutas desviantes: proposta de um modelo parcimonioso. *Revista CES Psicología*, 6(2), 15-27.

---

## Resumo

Na sociedade em geral é possível acompanhar a dinâmica dicotômica sobre a adesão dos jovens quanto à orientação cultural de individualismo e coletivismo; isto não tem problema algum, mas, terá quando as orientações assumidas por eles interferirem na aceitação e manutenção de um padrão de conduta frente às relações interpessoais, podendo levar a delituosidade juvenil. A partir de estudos que avaliaram a relação entre o estilo de orientação cultural e a conduta desviante, o presente estudo tem como objetivo a verificação de um modelo teórico parcimonioso, o qual defende a relação entre orientação cultural coletivista, individualista e a conduta desviante. 231 homens e mulheres, de 13 a 17 anos, responderam as escalas dos atributos de orientação cultural e das condutas desviantes. Através da análise de modelagem estrutural, observou-se que a orientação coletivista associou-se, negativamente, a orientação individualista e estas, respectivamente, se associou, negativa e positivamente, com a conduta desviante.

Palavras chave: Modelo teórico, Orientação cultural, Condutas desviantes.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Mauricio de Nassau, João Pessoa, PB, Brasil. [nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com)

<sup>2</sup> Mestre em psicologia da Saúde/Processos Cognitivos pela Universidade Federal de Uberlândia; atualmente atua como psicóloga prisional em Uberlândia; Professora do Centro Universitário Do Cerrado – UNICERP, Patrocínio, MG, Brasil.

<sup>3</sup> Graduandas do curso de Psicologia – Centro Universitário Do Cerrado – UNICERP, Patrocínio, MG, Brasil.

## Abstract

In society is possible to follow the dichotomous dynamics of the adherence of young regarding the cultural orientation of individualism and collectivism. It has not problem, but it does, when the guidelines adopted by them to interfere in accepting and maintaining a standard of conduct regarding interpersonal relationships, what can lead to youthful delinquency. Taking into account some studies that evaluated the relationship between cultural orientation style and the deviant behavior, the present study aims at verifying a parsimonious theoretical model, which supports the relationship between collectivistic cultural orientation, individualistic cultural orientation and deviant behavior. 231 men and women from 13 to 17 years old answered the scales of the attributes of cultural orientation and deviant behaviors. By the analysis of structural modeling, it was observed that the collectivist orientation was associated negatively to individualistic orientation and these, respectively, was associated negatively and positively with deviant behavior.

Keywords: Theoretical Model, Cultural Orientation, Deviant Conduct.

## Resumen

En la sociedad en general es posible acompañar la dinámica dicotómica sobre la adhesión de los jóvenes en lo que respecta a la orientación cultural desde el individualismo y el colectivismo; Aunque esto no representa un problema por sí solo, si lo representará cuando las orientaciones asumidas por los jóvenes interfirieren en la aceptación y mantenimiento de un estándar de conducta ante las relaciones interpersonales, lo que pudiera llevar a la delincuencia juvenil. A partir de estudios previos que evaluaron la relación entre el estilo de la orientación cultural y la conducta desviada, el presente estudio tuvo como objetivo la verificación de un modelo teórico parsimonioso, el cual defiende la relación entre orientación cultural colectivista, individualista y la conducta desviada. 231 hombres y mujeres, de 13 a 17 años, respondieron a las escalas de los atributos de orientación cultural y de las conductas desviadas. A través del análisis de modelación estructural, se observó que la orientación colectivista se asoció en forma negativa, la orientación individualista y estas, respectivamente, se asociaron, negativa y positivamente, con la conducta desviada.

Palabras clave: Modelo Teórico, Orientación Cultural, Conductas Desviadas.

## Introdução

O contexto social atual tem revelado a inserção das pessoas em a agirem a partir de uma orientação cultural – individualista e coletivista - em relação à aceitação e manutenção de um padrão de conduta frente às relações interpessoais. De forma geral, as pessoas têm priorizado uma ou outra dessas orientações na sua tomada de decisão enfatizando, com isso, a existência de padrões convencionais da conduta cultural, os quais, estabelecidos socialmente e baseados na adesão a orientação de cada pessoa para a sua

conduta social; esta condição aponta em direção da importância de se avaliar os atributos dos valores culturais proposto por Triandis (1995; 1996) e o quanto eles poderão influenciar no comportamento juvenil.

O construto da orientação cultura já era considerando por Rokeach (1973; 1979) como de fundamental necessidade na explicação dos comportamentos das pessoas, os quais são capazes de orientar tanto as escolhas quanto as atitudes humanas. O fato é que, ao perceber a saliência que a dinâmica cultura tem sobre as condutas das pessoas, uma preocupação

surge frente à conduta social dos jovens, especialmente, quando esta dinâmica enfatiza a valoração de uma cultura individual, estigmatizando-a como a única 'CULTURA' e tendo-a como condição *sine quo non* do desenvolvimento sócio-humano excluindo-nos da complexidade e diversidade humana frente à gestão e formação da conduta socialmente desejável nas relações interpessoais (Formiga, 2004).

É sobre esse aspecto que a perspectiva cultural contemporânea e sua influência na conduta social tem sido destacado como condição explicativa do excesso de valorização ao individualismo e utilitarismo sócio-humano fazendo com o que as pessoas priorizem viver os comportamentos de risco e a busca de novas experiências, de prazer e emoção, podendo decorrer em comportamentos desviantes. De forma geral, sabe-se que não é de hoje que o problema da conduta desviante em jovens tem interessado aos profissionais das diversas áreas científicas e sendo discutido os motivos da variação do comportamento desviante entre os jovens e como compreender os porquês do aumento delas em jovens de diferentes classes sociais ao se acompanhar a dinâmica dos fatos urbanos em nossas cidades (Idahc, Formiga, 2002; Formiga 2012a; Formiga & Diniz, 2011; Formiga & Mota, 2009).

De acordo com Formiga (2002; Formiga, 2003) as condutas desviantes, geralmente, são causadoras de danos leves ou graves e tangenciam as normas sociais e humanas; tomadas como uma condição da fase da adolescência, a importância que se tem dado ao risco psicológico e social que estas possam manifestar nas relações juvenis e seu entorno ainda tem sido pequeno, pois, somente intervém quanto o fato já foi disseminado pela atitude do desviante e muitas vidas foram prejudicadas de forma física ou sentimental. Assim, é possível que

o surgimento e constância das condutas desviantes (seja antissocial ou delitativa) têm sido motivados pelas mudanças culturais ocorridas nos países ocidentais, as quais geram no sujeito a apreensão de um espírito individualista que subordina interesses pessoais e não os interesses do grupo e da sociedade (Lipovetsky, 1986); o fato é que, na maioria das vezes, quando o jovem não tem seu prestígio ou vontade atendidas, seja por limites sócio-econômicos ou apoio dos seus pares de iguais, ou até, social, eles procuram conseguir alcançar estes objetivos através das condutas que tangenciam as normas sociais a fim de atender apenas aos seus prazeres e satisfação (Formiga & Diniz, 2011).

Com isso, considerando importantes as reflexões acima destacadas, foi que estudos no Brasil, desenvolvido por Formiga e Mota (2009), Formiga e Diniz (2011) e Formiga (2012a) com adolescentes e adultos jovens em vários estados do país, buscaram explicar de forma empírica o quanto os padrões de orientação cultural de individualismo e coletivismo influenciariam as condutas desviantes. Esses autores partiram da concepção de Triandis (1995; 1996), a qual tem o individualismo e o coletivismo como *síndromes culturais*, isto é, trata-se do compartilhamento de atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizado de forma coerente sob um tema (por exemplo, a delinqüência). Para esse autor, as pessoas que se orientam por um tipo ou outro de orientação cultural, se comportar de maneira diferente, tanto na forma de se auto-perceber quanto de perceber seus relacionamentos interpessoais.

O fato é que, de acordo com Sinha e Tripathi (1994; Triandis, 1995; Triandis, Chen & Chan, 1998), as pessoas podem se

apresentar variando em um pouco de cada síndrome de individualista ou coletivista, tendo o contexto ou a situação imediata uma direção definidora para o estilo mais apropriado de comportamento, ou seja, o tipo de orientação que venha aderir. Assim, Formiga e Mota (2009), Formiga e Diniz (2011) e Formiga (2012a) tem como direção os atributos chave para diferenciar os principais tipos de individualismo e coletivismo: *horizontal*, o qual sugere que as pessoas são similares na maioria dos aspectos, especialmente no *status*; e o *vertical*, que põe ênfase em aceitar a desigualdade e privilegiar a hierarquia. Estes atributos se combinam com o individualismo e coletivismo formando quatro tipos de orientação, cada um com uma característica principal que melhor descreve a pessoa que adota cada um destes tipos, a saber: individualismo horizontal → *ser único*; individualismo vertical → *orientado ao êxito*; coletivismo horizontal → *ser cooperativo*; e, coletivismo vertical → *ser servidor*.

Sendo assim, os autores supracitados no parágrafo acima, desenvolveram estudos com adolescentes e adultos jovens em vários estados do país, tendo como objetivo avaliar a relação entre o tipo de orientação cultura e a conduta desviante; a saber:

– em um estudo correlacional, Formiga e Mota (2009) observaram uma relação positiva entre o tipo de orientação individualista (por exemplo, *Um ser único, Diferente dos demais; Orientado ao êxito, ao triunfo*) e as condutas antisocial e delitiva; resultado inverso foi encontrado para o os tipos de orientação coletivista (por exemplo, *Cooperador, que colabora; Cumpridor dos deveres com os demais, servidor e Expressivo, amigável e familiar*) e as condutas antisocial e delitiva;

– Formiga e Diniz (2011) retomam as variáveis tratadas por Formiga e Mota (2009) e a partir da perspectiva de um calculo mais avançado metodológica e estatisticamente, por meio da modelagem de equação estrutural, buscam corroborar o estudo correlacional citado anteriormente apresentando indicadores estatísticos mais sofisticados para avaliar de forma mais robusta a influência de uma variável sobre a outra; estes autores observam um modelo empírico o qual comprova que os atributos da orientação individualista se associou positivamente com as condutas desviantes, enquanto os atributos de orientação coletivista associou negativamente com tais condutas.

– por fim, Formiga (2012a), retoma as explicações dos autores supracitados nos dois parágrafos acima e replica o mesmo modelo teórico, considerando as mesmas direções explicativas entre as variáveis, mas, em amostras de jovens de escolas pública e privada, encontrando resultados próximos, na direção hipotética levantada, aos observados pelos autores já citados. De forma geral, em todos estes três estudos, cada um a luz da perspectiva teórica estatística utilizada, os autores observaram que a orientação coletivista apresentou escores associativos negativos em relação as condutas antissociais e delitivas, enquanto, a orientação individualista associou-se positivamente a tais condutas.

Apesar da convicção e lógica teórica nos resultados avaliados pelos autores supracitados (ver Formiga, 2012a; Formiga & Diniz, 2011; Formiga & Mota, 2009) surge a proposta do presente estudo, pois, além de existir um limite avaliativo entre essas variáveis é necessário também, salientar a

perspectiva teórica, metodológica e estatística realizadas nos estudos. A crítica a respeito dos estudos sobre o tema tem a seguinte direção:

- Nos estudos desses autores existem alguns erros metodológicos e estatísticos. Enquanto o estudo de Formiga e Mota (2009) considera que as variáveis têm uma função linear na sua correlacionalidade, a estatística utilizada tem lógica, mas, apenas direção e força positiva ou negativa em sua linearidade e não a simultaneidade relacional. Essa análise correlacional tem o inconveniente de pautar-se apenas nos dados obtidos (isto é, os dados coletados) e não considerar um modelo teórico fixo que oriente tanto a extração de indicadores estatísticos mais robusto entre as variáveis quanto o poder de indicadores psicométricos que tem sua relação ao melhor ajuste do modelo na teoria e empíria entre as variáveis;
- isto vai de encontro ao proposto por Sinha e Tripathi (1994; Triandis, 1995; Triandis, Chen & Chan, 1998); pois, esses autores, considerando que as pessoas são um pouco de cada um dos tipos de orientação cultural, tendo no contexto ou a situação imediata a definição do estilo apropriado para se apresentar nas relações interpessoais, não sendo possível apresentar somente uma linearidade entre as variáveis (isto é, uma correlação) e afirmar que as pessoas seriam coletivista ou individualista; é sobre esse aspecto que Formiga e Diniz (2011) propusera a análise multivariada da modelagem de equação estrutural, pois se trata de um tipo de análise que vai além da análise de correlação clássica. Ela aponta em direção da extração das dimensões latentes e da indicação sobre a bondade de ajuste estatístico do modelo. Tais

análises têm a vantagem de levar em conta a teoria para definir a associação entre as variáveis hipotetizadas, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada (Bilich; Silva & Ramos, 2006; Hair; Anderson; Tatham & Black, 2005).

Mas, mesmo com tal análise realizada no estudo de Formiga e Diniz (2011), encontra-se um erro metodológico da teoria; esses autores tomaram as variáveis da conduta desviante como variável individual, considerando a conduta antissocial isolada da conduta delitiva como se estas fossem independentes; o fato é que, de acordo com Formiga (2003) e Formiga e Gouveia (2005), tais condutas se assumem como construto psicológico e são interdependentes, isto é, quando se observa um alto escore pontuado na conduta antissocial, provavelmente, decorrerá um alto escore na conduta delitiva.

- por fim, um terceiro limite pode ser encontrado no estudo de Formiga (2012a); neste, contempla-se dois erros de pesquisas, um metodológico, por assumir a mesma estrutura do caminho de associação entre as variáveis da conduta desviante destacadas por Formiga e Diniz (2011), mas, também, um erro estatístico, pois os indicadores psicométricos apresentados no modelo, especialmente, o  $\chi^2/df$  são abaixo dos indicados destacados na literatura estatística (esta admite índices entre 2 e 3, aceitando-se até 5 – ver Hair; Anderson; Tatham & Black, 2005), o que sugere que o autor realizou um ajuste exagerado nos erros para o modelo. Com isso, vale salientar que em todos os estudos, existe um caminho lógico que

ainda não foi atendido, este, refere-se ao tipo de orientação cultural coletivista explicando, negativamente, a conduta desviante, tendo por outro lado, esta conduta associada, positivamente, com o tipo de orientação cultural individualista; então, reflete-se quanto à possibilidade de modelo parcimonioso, o qual sugere associação negativa entre orientação coletivista e individualista, enquanto estas, respectivamente, se associariam positivamente e negativamente, com a conduta desviante.

Sendo assim, pretendeu-se, a partir da análise e modelagem de equação estrutural no programa AMOS 18.0, verificar parcimoniosamente essa hipótese estabelecida. Esse fato, não somente teria como objetivo solucionar os problemas metodológicos e estatísticos observados nos estudos supracitados, bem como, garantir uma robustez e consistência explicativa entre essas variáveis avaliadas quanto à existência de um modelo mais lógico e simples.

## Método

### Amostra

Uma amostra com 231 jovens de 13 a 17 anos, do sexo masculino e do sexo feminino (51%), da rede de educação pública da cidade de Patrocínio - MG. Essa amostra foi do tipo intencional, pois além de incluir apenas os adolescentes que, quando convidados participar do estudo, aceitava responder o instrumento, um outro propósito foi o de garantir a validade externa de alguns instrumentos da pesquisa, era assegurada a possibilidade de realizar as análises estatísticas descritivas e multivariadas que permitissem estabelecer as associações entre as variáveis avaliadas;

a decisão de escolher estes participantes se deveu ao fato de encontrar na literatura a existência da manifestação de condutas antissociais e delitivas, ainda que em magnitudes variadas e por considerá-las como um momento vivido por todo jovem.

### Instrumentos

Os participantes responderam os seguintes questionários:

*Atributos de Individualismo e Coletivismo.* Composto por seis itens que avaliam os atributos que mais caracterizam os sujeitos em relação ao coletivismo e individualismo (respectivamente, Cooperador, que colabora; Cumpridor com os demais, servidor e Um ser único, diferente dos demais; Orientado ao êxito, ao triunfo). Adaptado por Formiga e Mota (2009) e que apresentou, a partir de uma análise fatorial confirmatória (AFC) e a análise do modelo de equação estrutural (SEM), indicadores de ajustes recomendados na literatura vigente (Byrne, 1989; Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; van de Vijver & Leung, 1997):  $\chi^2/gf = 3,01$ ; GFI = 0,99 e AGFI = 0,97; TLI = 0,93; RMSEA (90%IC) = 0,05 (0,03-0,08), CAIC = 131,58 e ECVI = 0,07. O instrumento proposto apresentou garantia de maior confiabilidade fatorial e evidências empíricas para sua aplicação e mensuração no contexto paraibano. Para respondê-lo o jovem deveria ler cada item e indicar o quanto cada um dos atributos lhe caracteriza, para isso, era necessário apontar (com um X ou círculo) numa escala do tipo Likert, com os seguintes extremos: **0** = Nada Característico e **5** = Muito Característico, ao lado dos respectivos atributos.

*Escala de Condutas Antissociais e Delitivas.* Este instrumento, proposto por Seisdodos (1988) e validado por Formiga e Gouveia (2003) para o contexto brasileiro, compreende em uma medida

comportamental em relação às Condutas Anti-Sociais e Delitivas. Tal medida é composta por quarenta elementos, distribuídos em dois fatores, como segue: *condutas anti-sociais*. Seus elementos não expressam delitos, mas comportamentos que desafiam a ordem social e infringem normas sociais (por exemplo, jogar lixo no chão mesmo quando há perto um cesto de lixo; tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo); e *condutas delitivas*. Estas incorporam comportamentos delitivos que estão fora da lei, caracterizando uma infração ou uma conduta faltosa e prejudicial a alguém ou mesmo a sociedade como um todo (por exemplo, roubar objetos dos carros; conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas). Para cada elemento, os participantes deveriam indicar o quanto apresentava o comportamento assinalado no seu dia a dia. Para isso, utilizavam uma escala de resposta com dez pontos, tendo os seguintes extremos: **0** = Nunca e **9** = Sempre.

A presente escala revelou indicadores psicométricos consistentes identificando os fatores destacados acima; para a Conduta Antisocial foi encontrado um Alpha de Cronbach de 0,86 e a Conduta Delitiva ou Delinqüente, 0,92. Considerando a Análise Fatorial Confirmatória, realizada com o Lisrel 8.0, comprovou-se essas dimensões previamente encontradas ( $\chi^2/gf = 1,35$ ; AGFI = 0,89; PHI ( $\phi$ ) = 0,79,  $p > 0,05$ ) na análise dos principais componentes (Formiga, 2003; Formiga & Gouveia, 2003).

*Caracterização Sócio-Demográfica.* Os participantes responderam um conjunto de perguntas sobre característica pessoais (sexo, idade etc.) com a finalidade de caracterizar os respondentes da pesquisa.

### Procedimento e análise dos dados

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados visitou a

coordenação ou diretoria das instituições de ensino, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis de cada disciplina, procurando obter sua autorização para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Sendo autorizado, os estudantes foram contatados, expondo sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Para isso, foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada e que mesmo necessitando uma resposta individual, estes não deveriam se ver obrigados em respondê-los podendo desistir a qual momento seja quanto tivesse o instrumento em suas mãos ou ao iniciar sua leitura, ou outro eventual condição. Em qualquer um desses eventos, não haveria problema de sua desistência.

A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, enfatizando que elas seriam tratadas em seu conjunto estatisticamente; apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis, não interferindo na lógica e compreensão das respostas dos respondentes. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula, apresentando os instrumentos, solucionando eventuais dúvidas e conferindo a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes.

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 18.0 do pacote estatístico SPSS para Windows. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão). Indicadores estatísticos para o Modelo de Equações Estruturais (SEM) foram considerados segundo uma bondade de ajuste subjetiva,

dada pelo  $\chi^2/df$  (grau de liberdade), que admite como adequados índices entre 2 e 3, aceitando-se até 5; RMR, que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero. Para o modelo ser considerado bem ajustado, o valor deve ser menor que 0,05; índices de qualidade de ajuste, dados pelos GFI/AGFI, que medem a variabilidade explicada pelo modelo, e com índices aceitáveis a partir de 0,80; NFI, varia de zero a um e pode ser considerado aceitável para valores superiores a 0,90. Caracteriza-se por ser uma medida de comparação entre o modelo proposto e o modelo nulo, representando um ajuste incremental; CFI, que compara de forma geral o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório e a RMSEA, refere-se a erro médio aproximado da raiz quadrática, deve apresentar intervalo de confiança como ideal situado entre 0,05 e 0,08. (Byrne, 2001; Hair; Tatham; Anderson & Black, 2005; Joreskög & Sörbom, 1989).

## Resultados e Discussão

Buscando atender o objetivo do presente estudo, considerou-se um modelo recursivo de equações estruturais. Para isso, efetuou-se uma análise e modelagem de equação estrutural no programa AMOS 16.0, o modelo hipotetizado.

Antes de apresentar os resultados, optou-se por esclarecer que a técnica da análise da modelagem de equação estrutural (MEE) tem a vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator e estes das respectivas variáveis a serem verificadas, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitam decidir objetivamente sobre a validade de construto que se mede e sua

direção associativa entre as inúmeras variáveis.

Desta forma, estima-se a magnitude dos efeitos estabelecidos entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama), pressupondo que este estar correto e testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis (Pilati & Laros, 2007; Silva, 2006). De acordo com Farias e Santos (2000), Hair, Anderson, Tatham e Black (2005) e Zamora e Lemus (2008) ao considerar a modelagem estrutural do modelo – isto é, a análise de caminhos (*path analysis*) - relaciona-se as medidas de cada variável conceitual como confiáveis, acreditando que não existe erro de medida (mensuração) ou de especificação (operacionalização) das variáveis.

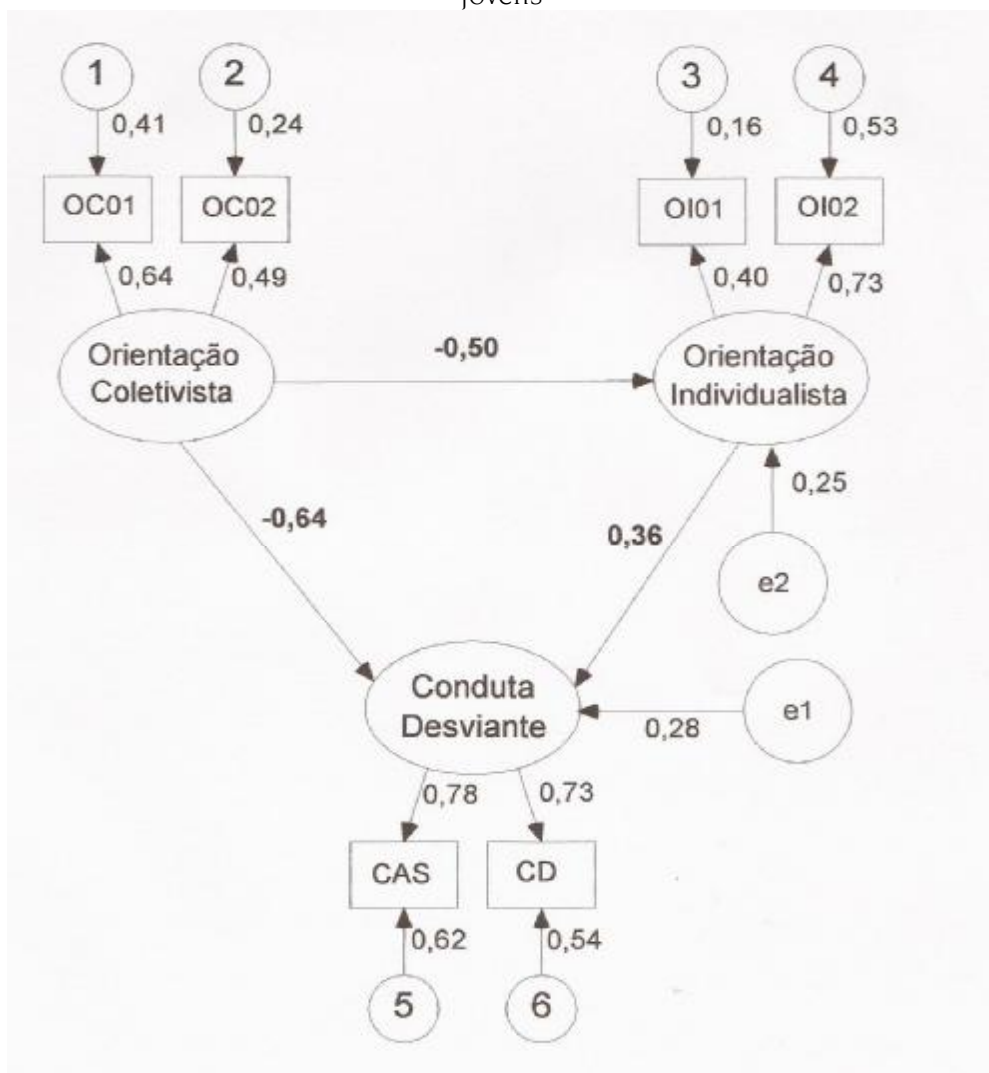
Assim, cada medida é vista como exata manifestação da variável teórica. Assim considerado, desenha-se o modelo teórico que se pretende tomando a partir elaboração hipotética entre as variáveis independente e dependente, isto é, entre as variáveis latentes e variáveis observáveis, por exemplo: no desenho desse modelo – elaboração da ligação entre as figuras caracterizando as variáveis estudadas - um retângulo é considerado como variável observada medida pelo pesquisador; uma *ellipse* é considerada variável latente, isto é, construto hipotético não observado; uma *seta* com uma ponta indica o caminho ou a relação causal entre duas variáveis; uma *seta com duas pontas* representa a covariância, isto é, que estas variáveis se associam entre si; por fim, uma bolinha preenchida com um número e letra referem-se a um erro de medida. A partir do momento em que se elabora a hipótese, identifica cada uma dessas figuras associando as variáveis que se quer provar a múltipla influência.



Com isso, na figura 1, realizadas as devidas modificações nos ajustes de erro, encontrou-se um modelo adequado, apresentando uma razão de:  $\chi^2/\text{gl} = 2.26$ ; RMR = 0,05; GFI = 0,99; AGFI = 0,96; CFI = 1,00, NFI = 0,98, RMSEA = 0,01 (0,00-0,05). Os pesos (saturações) que explicam o modelo da variável considerada no tipo de orientação cultural coletivista (Cooperador, que colabora; Cumpridor com os demais, servidor) associou-se ( $\lambda = -0,60$ ), negativamente, com as condutas desviantes (Antissociais e Delitivas), esta por sua vez, associou-se, também, com

escore lambdas negativos ( $\lambda = -0,50$ ) com o tipo de orientação cultural individualista (Um ser único, diferente dos demais; Orientado ao êxito, ao triunfo), tendo, esta última, se associado positivamente, ( $\lambda = 0,36$ ) com as condutas desviantes (Antissociais e Delitivas). Todas as saturações (Lambdas,  $\lambda$ ) estão dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ , denotando não haver problemas de estimação proposta, pois todas estiveram estatisticamente diferentes de zero ( $t > 1,96, p < 0,05$ ).

Figura 1: Modelagem estrutural para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) a partir de um modelo parcimonioso sobre o tipo de orientação cultural coletivista e individualista em jovens



Notas: OC1 = Cooperador, que colabora; OC2 = Cumpridor com os demais, servidor; OI1 = Ser único, diferente dos demais; OI2 = Orientação ao êxito, ao triunfo; CAS = Conduta antissocial, CD = Conduta delitiva.

Os resultados do presente estudo corroboram o modelo parcimonioso proposto, bem como, preenche os espaços metodológicos e estatísticos deixados por Formiga e Mota (2009), Formiga e Diniz (2011) e Formiga (2012a). Além disso, os achados aqui encontrados sugerem um modelo sistêmico, pois, não somente é possível observar a influência, negativa dos tipos de orientação cultural coletivista (por exemplo, Cumpridor com os deveres, servidor; Cooperador, que colabora) sobre as condutas desviantes (antissocial e delitiva) quanto a influência positiva do tipo de orientação individualista (Um ser único, diferente dos demais; Orientado ao êxito) sobre essas condutas; mas, também, algo específico no modelo, que se refere a existência de uma associação inversa entre os dois tipos de orientação.

Assim, o sujeito individualista, o qual é capaz de expressar uma tendência ao sucesso, a valorizar a própria intimidade e uma necessidade de adequar-se ao contexto social apenas para obter recompensas, exclusivamente, pessoais, tenderão quebrar as normas sociais a fim de que as relações sociais ou materiais sejam do jeito que eles querem e que poderão conseguir até com uma conduta desviante. Mas, que este tal orientação afasta o sujeito quanto a apresentação de um padrão cultural coletivista; o fato é que, o jovem com atributos coletivistas –por exemplo, Cumpridor com os deveres, servidor; Cooperador, que colabora– provavelmente, por ser cooperativo e buscar respeitar a lei e as normas sociais, manteria uma relação entre si e seu entorno social com um compartilhamento dos mesmos interesses do grupo, condição capaz de inibir as condutas desviantes.

Apontar a respeito do problema que individualismo poderá causar, considerando os dados desses estudos, não

deve ser pensando como um *desvalor* que este construto tem para o signo da liberdade e democracia; mas, a crítica central estar em relação às experiências vividas pelos jovens no quanto devem viver se orientando de forma que somente a eles a sociedade e os outros devem servir para que tenham êxito e consigam o que querem apenas para si, e que, quando não conseguem suscitam ou até atuam quebrando as regras e normas sociais, desrespeitando os direitos alheios e sem assumirem o dever social que lhes cabem, podendo com isso, delinqüirem (Formiga, 2012b). Tal reflexão suscita que as instituições formadoras das normas sociais (por exemplo, família e escola) estejam atentas na dinâmica cultural que seduz nossos jovens, a qual valoriza a dissolução dos limites e a não adesão as convencionais institucionais e sociais para uma harmonia da sociedade e seu entorno humano, assumindo assim, o papel que lhe cabe quanto esclarecedora, organizadora e conscientizadora do comportamento socialmente desejável entre os jovens (Formiga, 2005).

Sendo assim, salientando a importância da orientação cultural coletivista tanto sugere o regaste da valorização a grupalidade social nas relações interpessoais, bem como, mas, de forma indireta, ao enfatizar tal construto, provavelmente, inibiria a orientação individualista, especialmente, por serem elas fomentadores das condutas desviantes, por meio da deterioração das normas e coesão social e solidariedade na dinâmica humana.

Acompanhando os acontecimentos do cotidiano e da mídia em geral, observar-se uma valorização ao individualismo extremo, justificado sobre a égide de liberdade e democracia e que vem sendo experienciado por muitos jovens; esta experiência sugere

a quebra das regras sociais e o desrespeito aos direitos alheios e falta de um imperativo do dever, levando os jovens a investirem nas condutas de risco e/ou desviante (Formiga, 2012a). Assim, os achados neste estudo, parece deflagrar, a evidente dissolução dos limites e adesão as convencionais institucionais e sociais destinados a harmonia da sociedade e seu entorno humano e que estas, por sua vez, compõem um reflexo cultural existente na contemporaneidade.

Desta maneira, busca-se com esse estudo além de contemplar a concepção de Triandis (1995; 1996) em relação a orientação cultural, a qual sugere o compartilhar de atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu entre as pessoas, tornando todos capazes de se orientar seja através do coletivismo ou individualismo; pretende-se corroborar o quanto cada um destes construtos deverão ser avaliados, socializados e aplicados na dinâmica social ou institucional (família e escola) adequadamente e de forma que não venha a causar prejuízo ao indivíduo e seu grupo social. Afinal, se de acordo com Sinhá e Triandis (1994; Triandis, Chen & Chan, 1998), esses construtos podem variar de pessoa para pessoa e são co-dependentes do contexto ou a situação imediata que o sujeito estar inserido, é preciso então acompanhar, administrar e intervir quando necessário para avaliar quais dessas orientações estão em maior ou menor saliência na dinâmica interpessoal dos jovens, pois, elas são preditoras da conduta desviante.

Em resumo, visando à inibição da conduta desviante (antissocial e delitiva) seria útil estimular um traço cultural de conduta que oriente o sujeito ao coletivismo, pois, este poderia também, interferir na dinâmica da valoração da orientação individualista; é preciso destacar que não se está aqui privilegiando um jovem sem experiências ou autonomia. O que se pretende é que o jovem possa desenvolver conscientemente que alguns clamores da sociedade contemporânea relacionado ao ser diferente e triunfar em tudo, poderá não contribuir para gerar nos jovens a administração das experiências de frustração e limites, pois, assim, como se abordou na introdução deste trabalho, é possível que quando essas experiências surjam, por não saber lidar com elas, poderá decorrer nas condutas desviantes.

Apesar dos resultados apresentarem indicadores confiáveis, alguns limites podem ser destacados para futuros estudos:

- seria importante verificar os que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico sobre o tema do tipo de orientação cultural e da delinqüência em jovens;
- reunir evidências em relação as variáveis abordadas relacionando-as as variáveis sócio-demográficas (sexo, idade, renda econômica, nível educacional, etc.).
- por fim, um outro estudo que merece destaque seria o de uma avaliação destes construtos a partir de uma análise convergente na internalidade familiar e na escola.

## Referencias

- Bilich, F.; Silva, R. & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.1989.
- Formiga, N. S. (2002). *Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação em termos dos valores humanos*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Formiga, N. S. (2003). Fidedignidade da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psicologia estudo*, 8 (2), 133-138.
- Formiga, N. S. (2004). O tipo de orientação cultural e sua influência sobre os indicadores do rendimento escolar. *Psicologia. Teoria e Prática*, 16 (1), 13-29.
- Formiga, N. S. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: Influência dos pares sócio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Revista psicologia ciência e profissão*, 25 (4), 602-613.
- Formiga, N. S. (2012a). Teste empírico de um modelo teórico entre o estilo de orientação cultural e as condutas desviantes em jovens de diferentes contextos sócio-escolares. *Psicologia Argumento*, 30 (69), 369-377.
- Formiga, N. S. (2012b). Sentimento anômico e condutas antissociais e delitivas: verificação de um modelo causal em jovens. *Liberabit: Revista de Psicologia*, 3. (Artigo no prelo).
- Formiga, N. S. & Diniz, A. (2011). Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: Testagem de um modelo teórico. *Revista Pesquisa em Psicologia*, 5 (1), 2-11.
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Revista Psico*, 34 (2), 367-388.
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: teoria e prática*, 7 (2), 134-170.
- Formiga, N. S. & Mota, H. M. (2009). Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: Um estudo correlacional em jovens paraibanos. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 10 (97), 158-180.
- Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E. & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Idhac (2009). Sociedades más integradas. In: Abrir espacios para la seguridad ciudadana y el desarrollo humano, (pp. 227-289). *Informe sobre Desarrollo Humano para América Central. Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo – PNUD*: Colômbia.
- Joreskog, K. & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.

- Lipovetsky, G. (1986). *La era del vacío: Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: The Free Press.
- Rokeach, M. (1979). Introduction. Em M. Rokeach (Ed.), *Understanding human values: Individual and societal* (pp. 1-11). New York: The Free Press.
- Seisdedos, N. C. (1988). *Cuestionario A – D de conductas antisociais – delictivas*. Madri: TEA.
- Sinha, D. & Tripathi, R. C. (1994). Individualism in a collectivist culture: A case of coexistence of opposites. Em U. Kim, H.C. Triandis, Ç. Kagitçibasi, S.-C. Choi & G. Yoon (Eds.), *Individualism and collectivism: Theory, method, and applications*. (pp. 123-136). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press. 1995.
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.
- Triandis, H.C.; Chen, X.P. & Chan, D. K. S. (1998). Scenarios for the measurement of collectivism and individualism. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 275-289.
- Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

---

Recibido: Enero 7-2013 Revisado: Mayo 21-2013 Aceptado: Mayo 30-2013